



Os *Grafitis* no Centro Histórico de São Luís¹

Bruno Soares Ferreira²;
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA.

RESUMO

O presente texto tem por objetivo abordar os *grafitis* presentes no Centro Histórico de São Luís, importante centro turístico e comercial da cidade, que foi declarado Patrimônio Mundial pela Unesco no ano de 1997 e relacioná-los com a ocupação dos vazios urbanos que lá existem, de modo a traçar algumas perspectivas acerca dessa ocupação pela arte feita enquanto expressão de identidades culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação da Experiência; *Grafiti*; Identidade Cultural; Interacionismo Simbólico; Patrimônio Histórico.

A busca nesse artigo é mostrar a relação entre o acervo arquitetônico do Centro Histórico de São Luís, capital do Maranhão, o qual foi no ano de 1997, declarado Patrimônio Mundial pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Cultura, Ciência e Educação), e uma forma de expressão pictórica denominada *grafiti*, fazendo algumas interpretações dessa relação entre a cidade, a arte parietal e a ocupação dos vazios urbanos.

Para isto, utilizei fotografias em 35mm coloridas como suporte imagético, uma vez que a produção dos *grafiteiros* implica numa subversão à lógica da mercadoria e até mesmo restabelece o debate sobre o conceito de *aura* na obra de arte contemporânea, pois a utilização das paredes espalhadas pela cidade impossibilita uma hipotética comercialização, restando apenas seu consumo no cotidiano, enquanto aos poucos vão surgindo as intervenções, sobreposições, limpezas ou mesmo a deterioração pela ação do tempo, que é o mais provável num caso de ocupação dos vazios urbanos, haja visto que comumente estão os *grafitis* a ocuparem locais em visível estado de abandono.

A reprodução pela fotografia nesse caso, subtrai este tempo vivo por um instante e implica na formação de um novo signo que se coloca em relação ao *grafiti* de forma contígua, mas autônoma, possibilitando sua apreensão tanto enquanto *índice* como um *símbolo* ou um *ícone*. O presente texto surge então sobre este recorte de tempo.

¹ Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, do Inovcom, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Bacharel em Comunicação Social pela UFMA. brunobarata@yahoo.com



Para que pudesse transformar este desenvolvimento textual numa seqüência narrativa, segui o trajeto de muitas linhas de ônibus, que passam pela praça Maria Aragão rumo ao Anel Viário, passando pela avenida Beira-Mar no sentido inverso, ou seja, voltando pelo caminho.

Isso é uma forma de metaforizar e parodiar essa subtração do tempo, num processo de rememoração do passado num outro instante fugaz do presente vivo, partindo do fim, rumo ao início, em referência a *Saudação do Anjo* de Gerhard Scholem, realizada a partir de uma pintura intitulada *Angelus Novus*, feita por Paul Klee em 1910.

Dessa forma, busquei nos fragmentos do caminho, identificar os elementos narrativos que possuam alguma ligação do ponto de vista semiótico, pois cada um desses fragmentos inscritos em locais próprios, proporciona a identificação de *significantes* para a elaboração de um *significado* dado pelo presente *objeto*: os *grafitis* no Centro Histórico.



Angelus Novus (Paul Klee)

O início pelo fim

O ponto de partida é um matagal próximo ao Anel Viário, onde funcionou em meados do século XX a fábrica da Oleama, demolida há alguns anos após inúmeros

protestos, para dar maior visibilidade ao Convento das Mercês, o qual tem sua fundação datada do século XVII e que atualmente está nas mãos do ex-presidente José Sarney, possuindo inclusive um local específico para ser seu mausoléu³.

Nesse matagal, há uma ruína que foi poupada da demolição:



Lá existem algumas intervenções feitas pelos *grafiteiros*. Em uma delas há a presença do seguinte texto: *A libertação da minha alegria é o choro da oligarquia*. Esta inscrição faz clara alusão à família Sarney, que domina o Maranhão desde que o patriarca, José Sarney, assumiu o governo do Estado, no ano de 1966.



³ Este processo é contado com detalhes no livro *O Caso do Convento das Mercês – A Marca do Atraso Político e a Ilegalidade Envolvendo o Patrimônio Público*, do jornalista Emílio Azevedo, lançado em 2006.



No alto está escrito o nome Jesus e uma janela foi utilizada para ser a boca de um rosto. As mesmas foram realizadas pela *NG Crew*⁴:



Em seguida, num galpão abandonado, nos limites do bairro Desterro e Praia Grande, há um rosto feminino num estilo *Pop Art*:



⁴ *NG Crew* – segundo um de seus integrantes, é a sigla de *Nova Geração*, que é um grupo (crew) com cerca de 20 jovens da zona rural que estão juntos desde 2003 realizando *grafitis* pela cidade.



Alguns metros adiante, na esquina, há uma melancólica e solitária figura humana, representação de um garoto com o rosto coberto por um lenço, onde se lê ao lado: *Que Jesus abençoe esta cidade:*



Entrando pela rua logo ao lado, há o nome de Jesus mais uma vez:





Onde há também um gato assistindo televisão:



Chegando à rua da Estrela, importante ponto turístico da Praia Grande, encontrei numa esquina um *grafiti* onde está escrito: *Não basta destruir o que sobra, é necessário construir o que falta:*



Este *grafiti* em especial, foi minha porta de entrada para este tema, pois a vi sendo feita pela galera da *ARG/NG Crew*⁵ e no momento em que estava observando, passaram quatro policiais militares, que seguiram em frente sem os incomodar. Isto me levou a pensar na diferença entre *grafiti* e *pichação*⁶. Além disso, eles levantaram uma questão que é crucial, ou seja, a preservação da arquitetura colonial justamente num local dado como Patrimônio da Humanidade, que deveria receber um cuidado especial na sua conservação, mas que no entanto, possui muitos locais abandonados.

A relação do *grafiti* com os vazios urbanos e também a narrativa pós-modernista suscita algumas hipóteses sobre a ritualidade inerente aos grupos, perfazendo um *continuum* desde a *arte rupestre*, passando pelo *muralismo* e mesmo pela *pichação*, assumindo novos contornos e significados para os grupos que os praticam, mas sem deixarem de proporcionar a comunicação da experiência, tendo na função estética uma porta para a divulgação das idéias do grupo nas áreas onde atuam.

Ao lado desse *grafiti*, encontra-se um outro, onde está escrito o seguinte: *Kontra toda opressão/ Kriatividade viva e ativa...Atitude subversiva/ Rebelde e insubmissa...Viva Punk Viva Anarkia/ Anarkopunx e Joacy James*⁷ vive!!!



Continuando o trajeto rumo à Praça Maria Aragão pela avenida Beira-Mar, chegamos ao coreto ao lado do Palácio dos Leões, sede do governo estadual. Nesse

⁵ *ARG Crew* – significa *Arte Revolucionária do Gueto*. É um *crew* mais antigo que a *NG*, com cerca de 8 pessoas que juntamente com a *NG Crew*, que é da zona rural, se juntam para *grafitarem* na cidade.

⁶ Segundo informações obtidas com um integrante da *ARG/NG Crew*, os *grafiteiros* foram *pichadores* na maioria das vezes quando começaram a usar o *spray*.

⁷ Joacy Jamys (1971 – 1996) foi um importante artista underground no Maranhão, influenciando várias correntes e gerações, seja nos quadrinhos como na música, literatura e artes em geral. Uma parte do seu trabalho pode ser vista em <http://joacyjamys.zip.net/>



local, os *grafitis* encontram-se pelo lado de fora da barreira do mar, visível somente para quem anda a pé ou a partir de um ônibus, pois quem trafega de carro não tem como vê-las:



Nesse casarão, já saindo da Praia Grande e a meio caminho da Beira-Mar, encontro num casarão entregue ao abandono, um dos *grafitis* mais emblemáticos dessa narrativa:



Este *grafiti* possui na minha opinião, o que Roland Barthes (1984) chamou de *punctum*, expressando da forma mais dramática a relação entre o *grafiti* e o acervo arquitetônico declarado Patrimônio Mundial pela Unesco através do vazio urbano:



A elaboração desse desenho, utilizando os elementos arquitetônicos clássicos para dar forma a um sorridente rosto me levou a refletir sobre a citação da rua da Estrela que fala: *Não basta destruir o que sobra, é necessário construir o que falta.*

Isso se deu principalmente pelas condições desse prédio, assim como pelas *pichações* em seu rodapé, em contraponto ao *grafiti*, mas também dando indícios da ocupação desses vazios urbanos, que são presentes até mesmo no Centro Histórico, uma das maiores atrações turísticas da cidade, se não a mais importante no quesito arquitetônico, juntamente com a natureza representada pelas praias. Esta situação paradoxal me surgiu com a lógica de um *koan* zen-budista, iluminando meus pensamentos.

E seguindo o meu caminho, encontro este grafite:





Já no bairro da Beira-Mar, encontro pichações de protesto, seja no âmbito da política nacional e local com um direto *Fora Sarney!*:



Como também em relação à política internacional: *Não adianta mais esconder, caiu a máscara Israel!*





E no detalhe, um valete sem rosto, o endereço www.efeitoparalaxe.net, a citação *contar a verdade é um ato de revolução*, que no site é atribuída a George Orwell, além da denúncia de que *tudo que sabemos está errado* (rsss):



Do outro lado desse mesmo muro, está mais um *graffiti* com mensagens relacionadas com a figura de Jesus. Está escrito: *A fé é nula se ela não existe pra você!*:





Finalmente, o último *grafiti* da nossa narrativa. Ao lado da Praça Maria Aragão, uma figura humana solitária que possui um nariz parecido com um corpo feminino de biquíni:



Para complementar este trabalho, apresento aqui estes *grafitis*, feitos na área interna do casarão do Laborarte (Laboratório de Expressões Artísticas), na rua Jansen Muller, próximo à Praça Maria Aragão, e que mostra o reconhecimento do valor artístico do *grafiti* e também dos grupos que o praticam como elementos dinâmicos na conservação e manutenção do patrimônio através da arte:





Angelus Parietalis (rsss)



Fim



Considerações sobre este trabalho

Este artigo levou-me a alguns questionamentos sobre os *grafitis* no Centro Histórico. Primeiramente sua presença revela a existência dos espaços vazios, que estão sendo ocupados pela arte, o que pode tanto representar uma tentativa de conservação desses espaços em estado de deterioração, quanto a denúncia de suas existências, mas apesar disso, representando a comunicação da experiência de grupos sociais onde quer que seja possível a sua expressão, ou como define Bey:

“Por uma característica de sua própria natureza, a Zona Autônoma Temporária - ZAT faz uso de qualquer meio disponível para concretizar-se – pode ganhar vida tanto numa caverna quanto numa cidade espacial – mas, acima de tudo, ela vai viver, agora, ou quanto antes, sob qualquer forma, seja ela suspeita ou desorganizada. Espontaneamente, sem se preocupar com ideologias ou antiideologias”. (2001: 36)

Outro ponto que parece a princípio contradizer o supracitado, mas que está situado de forma complementar e dinâmica como *ying* e *yang* ao mesmo, foi a presença de marcas que indicam a identidade cultural de seus integrantes, seja pela presença de críticas sociais como também de citações de origem cristã. Este aspecto ideológico vem a substituir através de idéias a simples demarcação territorial nas cidades que a *pichação* traduz e ainda mostra a existência de grupos organizados em torno da arte nos contextos urbanos.

Um aspecto interessante é que esta ocupação se deu fora das periferias, mostrando que o *grafiti* se desenvolve para além do âmbito do gueto, possuindo uma visibilidade que abrange outros segmentos sociais. Sua força de expressão ultrapassa os limites de suas origens nos guetos e periferias, sejam elas urbanas ou rurais, dialogando com a variedade de elementos presentes na cidade, como a arquitetura colonial e os vazios, gerando uma narrativa urbana que está a interagir com os transeuntes, assim como os anúncios publicitários, as placas de trânsito e demais formas de mensagens visuais contemporâneas.

Finalmente, o conceito de *aura* na obra de arte, que tentei explorar (parodiar?) de uma forma um tanto pós-modernista, através do suporte fotográfico em 35mm, me levou a definir o *grafiti* como uma expressão onde é perceptível o “aqui e agora” artístico, debatido por Walter Benjamin, mas representando na contemporaneidade uma inversão dos valores clássicos de arte, uma vez que os *grafitis* não possuem o status de mercadoria e estão constantemente sendo redefinidos pela própria cidade de forma dinâmica, sendo transformados pelas diversas ações humanas e do tempo.



Referências

AZEVEDO, Emílio. **O Caso do Convento das Mercês – A Marca do Atraso Político e a Ilegalidade Envolvendo o Patrimônio Público**. São Luís: Lithograf, 2006.

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica. In: **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Lisboa: Antropos, 1992.

_____. Sobre o Conceito de História. In: **Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio Sobre Literatura e História das Culturas** (Obras Escolhidas Vol 1). São Paulo: Brasiliense, s/d.

BEY, Hakin. **Zona autônoma temporária**. São Paulo: Conrad, 2001.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2004.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: Notas Sobre a Fotografia**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. 1993. **Mitologias**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1957.

FERREIRA, Bruno Soares. **Imagens e Abstrações: Um Ensaio Fotográfico**. São Luís: UFMA, 65p. 2005.

FILHO, Milton Chamarelli. **Fotografia, Percepção e Subjetividade**. Salvador: INTERCOM, 2002.

FRANCE, Claudine de. **Cinema e Antropologia**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

GILCHRIST, Cherry. **A Alquimia e Seus Mistérios**. 2ª ed. São Paulo: IBRASA, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. 5ª ed. São Paulo: Papyrus, 2002. (Coleção Ofício de Arte e Forma)

LAPASSADE, Georges. **As microssociologias**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, Demasiado Humano – Um Livro Para Espíritos Livres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e cultura – a experiência cultural na era da informação**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.